

SUPLEMENTO.

ONTEM + HOJE 40 ANOS
SUPLEMENTO LITERÁRIO
+ HUMBERTO WERNECK
+ HAYDÉE RIBEIRO + LAÍS
CORRÊA DE ARAUJO +
JACINTHO LINS BRANDÃO.

BELO HORIZONTE, DEZEMBRO DE 2006, Nº. 1297 SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DE MINAS GERAIS



CAPA: Colagem com xerox das marcas do Suplemento Literário de Minas Gerais.
NATÁLIA DUTRA e MÁRCIA LARICA.



HUMBERTO
WERNECK

MEU SUPLEMENTO INESQUECÍVEL

Nascido há quarenta anos, o *Suplemento Literário* teve desde então muitas encarnações. Sendo ainda mais antigo do que ele, posso falar da primeira, a que começou a sair das rotativas do *Minas Gerais* num sábado distante, dia 3 de setembro de 1966. Sem desdouro das que vieram depois, e tentando não abusar da nostalgia, tenho motivos para acreditar que aquela foi a melhor de todas. Se não mudou de opinião, o poeta Affonso Ávila, um dos pioneiros do *Suplemento*, haverá de concordar comigo: quinze anos atrás, quando o entrevistei para o meu livro *O desatino da rapaziada*, Affonso me contou que, para ele, o jornal foi relevante até a sua edição de número 454, publicada no dia 17 de maio de 1975. A última, explicou, feita sob o comando do contista Wander Piroli, que naquele momento se afastou da redação, indignado, para não dobrar-se à pressão de burocratas que, como diria Stanislaw Ponte Preta, despontavam para o anonimato.

Sei que o *Suplemento*, mesmo em suas fases esquecíveis, serviu ao leitor porções variáveis de ouro em pó cultural. Algumas pude acompanhar, mas de longe, pois vivo fora de Minas desde maio de 1970. Muita coisa, boa e ruim, certamente me escapou. Até por isso, por essas três décadas e meia de ausência, me dou o direito de ser ainda mais radical que o Affonso Ávila – e dizer que, para mim, o *Suplemento* que conta é aquele dos primeiros tempos, dos três primeiros anos, o *Suplemento* que Murilo Rubião concebeu e comandou diretamente até dele se afastar, em dezembro de 1969.

A história é razoavelmente conhecida. Em 1965, no que seria por longo tempo a última eleição direta para governadores de Estado, Israel Pinheiro chegou ao Palácio da Liberdade. Numa iniciativa mais ou menos rara de nepotismo benigno, Israel levou para trabalhar com ele, como secretário, o sobrinho Raul Bernardo Nelson de Sena – e foi Raul quem teve a idéia de ressuscitar no *Minas Gerais* uma tradição literária muito antiga, anterior mesmo à passagem de Carlos Drummond de Andrade por lá, no final dos anos 1920, e que consistia em plantar um oásis de cultura e arte em meio à aridez dos despachos oficiais.

A redação do *Minas* tinha, nessa época, um luxo imerecido chamado Murilo Rubião, a quem a chefia, pouco imaginativa, entregava tarefas pífias como escrever necrológios – necrológios de gente viva, inclusive, como foi o caso do ex-presidente Wenceslau Brás, que só viria a morrer em maio de 1966.

Murilo tinha passado quatro anos em Madri, como adido comercial, durante o governo JK. Discretíssimo, voltou sem alardes de europeu recente. Para mim e para alguns companheiros de geração, adolescentes com fumaças literárias, ele era um enigma. Podia até mesmo não existir.

Pelo menos não era reconhecível entre os personagens do *Encontro marcado* de Fernando Sabino, o livro, quase escrevo bíblia, que o meu grupinho gostaria de arremedar na vida e na literatura. Não se tinha notícia de Murilo escalando, como Fernando, Hélio Pellegrino, Otto Lara Resende e Paulo Mendes Campos, os arcos do viaduto de Santa Teresa. Nem tocando fogo em casas de família

para ver sair beldades esbaforidas, de camisola, como fizeram Drummond e Pedro Nava certa madrugada dos anos 1920. Só tive a confirmação de que Murilo existia aí por 1960, quando encontrei, na biblioteca da Praça da Liberdade, um exemplar de *O ex-mágico*, publicado em 1947. Em seguida soube que era autor, também, de *A estrela vermelha*, uma *plaque* que saiu em 1953 com apenas quatro contos e pouco mais de 100 exemplares.

Murilo Rubião, isto era certo, estava inteiramente desemparelhado na ficção brasileira — e mesmo na ficção continental, pois ainda não sobrevivera, na segunda metade dos anos 1960, o cacofônico *boom* da literatura latino-americana. Livros como *Cem anos de solidão*, com personagens capazes de literalmente voar, ainda não haviam pousado nas livrarias brasileiras. Para desconforto dos críticos que amam organizar autores em times, não havia, na paisagem literária, um outro escritor “tipo Murilo Rubião”. Ele não só escrevia histórias bizarras como a meus olhos parecia, com a sua singular murilice, ter saído de algum de seus relatos fabulosos.

Em papel impresso e até em carne e osso, Murilo voltou à circulação em 1965, quando a Imprensa Oficial publicou *Os dragões e outros contos*, com 1000 exemplares e uma belíssima capa do pintor Mário Silésio. Tinha quase 50 anos, mas podia dar aos desavisados a impressão de ser de um estrepante. O crítico Antonio Candido, sempre tão atento, leu *Os dragões* e, numa carta ao autor, se penitenciou por não haver, dezoito anos antes, registrado condignamente a chegada de *O ex-mágico*.

Ninguém, aliás, soubera até então avaliar devidamente a arte de Murilo, cujo nome no máximo aparecia, entre muitíssimos, na vala comum do vasto *et cetera* da ficção nacional contemporânea. Nem mesmo as antenas agudíssimas de Mário de Andrade, com quem ele se correspondeu entre dezembro de 1939 e dezembro de 1944. “Mário gostava do autor”, me disse uma vez Murilo, sem sombra de ressentimento, “e fazia o possível para gostar da obra...”

Foi esse o homem que Raul Bernardo Nelson de Sena encarregou de injetar literatura no insípido *Minas Gerais*.

Uma página, queria o secretário. Por que não um suplemento? — contrapropôs Murilo.

Na praça literária de Belo Horizonte, naquela metade de anos 1960, a idéia foi recebida com a indiferença, o ceticismo e o desdém que tantas vezes dão corpo ao espírito provinciano. Muitos achavam que seria preciso recorrer a traduções, pois simplesmente não haveria como encher tantas páginas.

Não era o que pensava Murilo, que tinha viva a recomendação de Mário de Andrade a Drummond e sua turma, quando os novos de 1925 engatilhavam *A revista*: até como estratégia para não levar pancada, convinha misturar autores novos e veteranos, resguardado, é claro, aquele mínimo de qualidade literária.

Foi o que Murilo cuidou de fazer naquele suplemento literário que, por vir encartado nas edições de sábado do jornal oficial do Estado, era *do*, e não, como hoje, *de* Minas Gerais. Desde o começo, pôs lado a lado nomes consagrados, como Emílio Moura, Henriqueta Lisboa e Bueno de Rivera, e o sangue novo de Luiz Vilela, Sérgio Sant’Anna, Libério Neves, Sebastião Nunes ou Adão Ventura. Até mesmo passadistas como Moacir Andrade, Djalma Andrade e Eduardo Frieiro, escritores de nariz torcido para o já grisalho Modernismo, tiveram espaço no suplemento de Murilo Rubião.

O semanário, decidiu ele com sabedoria, teria “feição predominantemente mineira”, mas sem as viseiras do bairrismo; “a fidelidade à Província, nos termos que a situamos, até conjura o perigo do provincianismo”, escreveu num editorial — e lembrou: “O anseio de atingir a esquiwa perfeição configura a chamada mineiridade”.

Murilo fez mais do que misturar gerações: ampliando o alcance da receita de Mário de Andrade, quis um suplemento que se ocupasse

não só da literatura como da arte em geral — princípio declarado já no topo da primeira página do primeiro número. E assim foi feito. Além de ficção, poesia e ensaio literário, o cardápio do jornal, naqueles começos, incluía cinema, teatro, artes plásticas. Foi multidisciplinar antes que se usasse a palavra.

Essa disposição de Murilo ficou bem clara antes mesmo de se rodar o número 1, quando convocou para trabalhar com ele o talento polivalente de Márcio Sampaio — poeta, contista, artista plástico e crítico de arte, além de jornalista. O bom faro de Márcio permitiu que o suplemento, desde o início, formasse uma equipe de ilustradores que misturava novatos como José Alberto Nemer e artistas já reconhecidos como Álvaro Apocalypse, Eduardo de Paula e o próprio Márcio Sampaio. Ou Jarbas Juarez, encarregado a certa altura de garimpar, entre seus alunos na Escola de Belas Artes, ilustradores para a ficção e a poesia de autores igualmente jovens — cuja seleção, por sua vez, era feita por Murilo, por Affonso Ávila e por Laís Corrêa de Araújo, que desde o primeiro número pôs para girar uma movimentada “Roda gigante”, nome da seção de notas que informava sobre novidades literárias.

A comissão de redação do suplemento incluía, ainda, a experiência e o bom senso de Aires da Mata Machado Filho, que em 1968 seria substituído pelo crítico e romanista Rui Mourão.

Além de Márcio Sampaio, Murilo arrebanhou José Márcio Penido, contista em quem detectou talento também de jornalista (embora o conhecesse apenas como caixa do banco onde tinha conta...), e o diagramador Lucas Raposo. Mais adiante, em 1968, engordou o grupo com a contratação dos poetas João Paulo Gonçalves da Costa, Valdimir Diniz e Adão Ventura, além do contista Carlos Roberto Pellegrino.

Tive a sorte incomparável de ser escalado nesse time, no emblemático mês de maio de 68, em substituição a José Márcio Penido, que estava de mudança para São Paulo.

Estou seguro de que todos nós temos na vida um ou dois encontros realmente decisivos – e não tenho dúvida de que, para mim, um deles foi com Murilo Rubião.

Ele tinha sido um dos jurados de um concurso de contos que venci em 1965. Já não me lembro do valor do cheque que recebi das mãos de Alceu Amoroso Lima, mas sempre considerei como maior prêmio o exemplar autografado de *Os dragões e outros contos* com que Murilo me presenteou. E me senti importantíssimo quando, em 1966, ele me convidou para colaborar no suplemento, o que comecei a fazer em 1967. Olhando para trás, devo admitir que, na apoteose mental de meus 21 anos, fui tomado pelo que chamo de vertigem de sobreloja... Razão de sobra, sei hoje, tinha Paulo Mendes Campos ao observar que na vida literária a verdadeira glória vem no começo...

E nunca deixo de me espantar, de me emocionar com a imerecida corda que Murilo dava ao petulante aprendiz de tudo. Sinto enorme vergonha retroativa quando me lembro da sem-cerimônia com que eu tomava ao pé da letra os pedidos para ler e palpar nos contos dele, Murilo Rubião. Lia e palpitava como se tivesse sob os olhos textos de um frangote literário que nem eu próprio. Contos recém-saídos do forno, como *Os comensais ou Petúnia*, e versões retocadas de outros já publicados.

Um dia ele me pediu opinião sobre mexidas que dera em *O ex-mágico da Taberna Minhotá*, carro-chefe de seu livro de estréia. Puxei a cadeira para perto de sua mesa, saquei a caneta e, impávido, fui em frente, seguríssimo de mim como nunca mais na vida. Do alto da minha sobreloja literária, lá pelas tantas impliquei com o substantivo “despautério”. Eu achava que a literatura se fazia de belas palavras, e que despautério era um... despautério. “Não dá, Murilo!”, pontifiquei. “Se eu fosse você, cortava imediatamente!” Muitos anos mais tarde, já provido de desconfiômetro, me lembrei do episódio – mas não tive coragem de reler *O ex-mágico*. Recentemente, contei a história ao jovem jornalista e escritor Marcus Assunção – e ele

teve a maldade de me informar por e-mail, no dia seguinte, que a palavra já não lá está. E o pior é que, Murilo morto, não posso remediar o *meu* despautério...

Ele foi, de longe, o intelectual mais generoso e isento de preconceitos com que já cruzei, e isso se estampou com nitidez no seu suplemento. Murilo fez dele não a trincheira de uma panelinha, como costuma acontecer, mas um espaço onde se constituiu uma diversificada federação de grupos literários. Sem jamais posar de *maître à penser*, de guru, de dono do terreiro, deu vez e voz a todo escritor jovem que lhe pareceu merecedor de oportunidade. Sem paternalismo.

A nós, os privilegiados a quem deu também emprego, Murilo proporcionou, de quebra, o enriquecedor convívio com *habitués* da redação do suplemento, entre eles o doce Emílio Moura, o divertido Bueno de Rivera – poeta com o qual só não aprendemos a ganhar dinheiro, arte em que também era exímio... –, o sábio Francisco Iglésias, para não falar no incansável Hélio Gravatá, bibliógrafo sem cujo rigor não teria sido possível preparar e editar dezenas de edições especiais. Ou, de passagem, forasteiros como Décio Pignatari, Fernando Sabino, Hélio Pellegrino, Otto Maria Carpeaux, Roman Jakobson, Giuseppe Ungaretti, tantos outros. Clarice Lispector, com quem Murilo me encarregou de fazer uma das primeiras entrevistas de minha involuntária carreira de jornalista, incumbência que na noite da véspera me tirou o sono e que, numa fotografia, me botou de cabeça baixa sob o olhar intimidador da grande escritora.

Sob o comando de Murilo Rubião, ajudamos a fazer o que foi sem dúvida o melhor suplemento literário do final dos anos 1960, só comparável ao que então editava *O Estado de S. Paulo*. Parte da edição era remetida a bem escolhidos leitores de vários pontos do Brasil e do mundo. Outra se oferecia à venda, nas bancas de Belo Horizonte. A fatia maior, 27 000 exemplares, era encartada no *Minas Gerais*, único jornal que chegava a cerca de 200 pequenos municípios mineiros – e de lá, das profundas de Minas, não raro vinham

protestos contra o que seriam ousadias do suplemento. Como aquele verso de Affonso Romano de Sant’Anna, na primeira página, chamando o Empire State Building de “pênis maior do mundo”.

Minas, aliás, é preciso que se diga, era onde o semanário de Murilo Rubião fazia menos sucesso. Julio Cortázar lia em Paris o suplemento que em Belo Horizonte era ignorado pela pequenez liliputiana de escribas provincianos. Nele escreveram os graúdos da literatura brasileira – uma lista cintilante que não se esgota em Drummond, Murilo Mendes, Antonio Candido, Autran Dourado, José J. Veiga, João Cabral de Melo Neto, Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Osman Lins, Luís Costa Lima, José Guilherme Merquior, Lygia Fagundes Telles, João Antônio, Tristão de Athayde, Antônio Houaiss, Silviano Santiago, Benedito Nunes e até mesmo o esquivo Dalton Trevisan, para citar apenas alguns dos colaboradores fora de Minas Gerais.

Os céticos que no começo aconselharam Murilo a fazer uma publicação à base de traduções também se viram atendidos: graças, sobretudo, a Affonso Ávila e Laís Corrêa de Araújo, divulgou-se farta e bem selecionada produção estrangeira naqueles três primeiros anos. Foi provavelmente no *Suplemento Literário do Minas Gerais* que pela primeira vez se publicou no Brasil um conto de Cortázar, *Todos os fogos o fogo*, traduzido por Laís em julho de 1968.

A primeira e gloriosa fase do suplemento encerrou-se, já se disse, com a saída de Murilo Rubião. Em seu lugar deveria entrar Rui Mourão – cujo nome, porém, foi vetado pelas autoridades da ditadura militar. Começava ali um longo e tormentoso período, cujas agruras haverá quem conte bem melhor do que eu.

HUMBERTO WERNECK é autor de *O desatino da rapaziada* (1992), *Pequenos fantasmas* (contos, 2005) e *Chico Buarque - Tantas palavras* (reportagem biográfica, 2006). Organizou, para a Companhia das Letras, a obra de Murilo Rubião (2006) e a antologia *Boa Companhia: Crônicas* (2005), e, para a Rocco, *Minérios domados*, poesia reunida de Hélio Pellegrino (1993).

HAYDÉE RIBEIRO COELHO

1969 O SUPLEMENTO LITERÁRIO: 1981

Tratar de um longo período, como o que se enuncia, é bastante arriscado por vários motivos: pressupõe que a História é linear e contínua e que todos os aspectos do Suplemento serão abordados, dando idéia de totalidade, o que é impossível não pelo método, mas pelo olhar que se movimenta em múltiplas direções, fazendo opções e recortes.

No Suplemento, em 1969, há a permanência de orientações mais gerais que estão no editorial de seu lançamento em 1966, ou seja, a inserção de "aspectos universais da cultura", aliados à "feição predominantemente mineira". Refletir sobre a universalidade significa abrir fronteiras artísticas, literárias e críticas; constitui navegar por diferentes sistemas literários, sem se perder ou anular-se e fazer dialogar a tradição e as vanguardas, abarcando o presente, sem o desprezo pelo passado, seja esse vivido nas artes mineiras (Literatura, Artes Plásticas e Música) ou nos artistas e escritores de toda parte.

Entrevistas, a inclusão de gêneros literários diversos (conto, fragmento de romance e poema) e sistemas literários culturais de várias localidades nacionais e multiplicidade semiótica no campo artístico oferecem ao leitor do suplemento um espaço cultural variado que se abre para uma multiplicidade de tempos.

Conforme comentei em outro artigo, é possível, no estudo do Suplemento, a identificação de várias séries ou conjunto de textos que vão se formando, permitindo ao estudioso abertura para muitas leituras. Há, ainda, suplementos especiais e comemorativos, reiterando a maneira constelar do periódico. Essas peculiaridades estão presentes na história da publicação mineira.

Preservar a localidade significa manter o lugar de fala e imprimir um olhar e um discurso diferenciados do que se realizava em outros espaços hegemônicos como Rio de Janeiro e São Paulo.

O universal e o local suscitam uma relação binária. No entanto, o Suplemento converte-se em um lugar de passagem, onde transitam homens, idéias e saberes. A geografia cultural mescla o local, o regional e o nacional e outras regionalidades, além do estado-nação. Esse feixe de relações permite que o leitor acompanhe toda movimentação cultural de Minas, do Brasil e das capitais culturais. Vive-se em Minas, lê-se em Minas, lê-se de Minas, recebe-se o outro em Minas. Essa voz das gerais, no entanto, não se fixa.

Atenta aos vários números do suplemento de 1969, meu olhar passeia pelas notícias das bienais de arte; percorre o movimento da crítica sociológica; acompanha a entrevista da autora de

Cantochão ao idealizador das *Galáxias*, provocando o encontro do Barroco "medula da tradição criativa da arte brasileira" com a galáxia poética. Identifico vários estudos sobre o poeta que abalou a crítica com sua pedra. Os "valores" novos avultam-se no encontro feliz das artes plásticas e da literatura, presente em ilustrações e desenhos de primeira página.

Em 1970, tenho encontro marcado com os novos de toda parte e com os 75 anos do Cinema. Vou à Paris, recebendo "todas as cores e flores de Henri Matisse" e, em Amsterdam, vejo-me na "sala ou um quarto de hospital". Posso também visitar o "Festival de Woodstock". O cinema brasileiro e o cinema do mundo recebem julgamento em Paris e o que é visto lá é comentado aqui. Diretores de cinema em destaque são objeto de inúmeros estudos.

1970 aguarda-me também com uma reflexão teórica sobre os contos e os novos contistas. Além disso, presenteia-me com os viajantes estrangeiros e com números especiais dedicados ao autor de *O seminarista*. Sou brindada com panoramas que passo a perseguir desde então. Em "Problemas da crítica contemporânea", um dos eminentes críticos da revista *Tendência*, evidencia a "função social e literária" da crítica, abordando o papel do crítico no contexto do "New Criticism" e do Estruturalismo. Outro texto, tratando das fronteiras da arte, mostrava-se contrário ao Estruturalismo francês, evidenciando as tendências críticas dominantes: relançamento do *close reading* e nova abordagem sociológica.

A autora de *Cantochão* oferece um balanço informal sobre a ficção, a poesia e o ensaio. A respeito da ficção, no que se refere a algumas obras publicadas em 1969, atenta para os seguintes aspectos: "avanço de técnica e concepção de linguagem"; "curiosa observação psicológica e sociológica" e "amostragem de estilo tipicamente nosso". No que diz respeito à poesia, salienta: "consciência reflexiva"; "sensibilidade e plasticidade lingüística"; sensibilidade onírica mítica; montagem dramática e "consciência de perenidade do tempo e das coisas". No ensaio, são evidenciados: *A arte no horizonte do provável*; *Texto e contexto*; *Estruturas*; *Fenomenologia da obra literária*; *Guerra sem testemunhas*; *Os cavaleiros de Júpiter* e *O poeta e a consciência crítica*. No campo da arte, o *Dicionário das artes plásticas no Brasil* apresenta uma contribuição também muito importante.

Em 1971, a crítica mineira escolhe os melhores filmes "de todos os tempos"; os salões de arte continuam sendo alvo de crítica e de visitaçao e um enfoque "panorâmico da gravura brasileira moderna, abrangendo um período que se inicia com Oswald

Goeldi e vai até à nova vanguarda representada especialmente por Lótus Lobo" nos é oferecido.

Aprende-se como "a arte pode servir à ciência". O protesto, registrado de Jane Fonda "contra a guerra", apresenta uma perspectiva avessa ao cinema de Hollywood; a multiplicidade ilimitada "nas artes visuais" aponta para a compreensão de uma "prática diversificada" e a relação entre o cinema e o jornalismo aproxima leitor e espectador as várias "manifestações de arte popular", em destaque, possibilitam-nos refletir sobre a "criatividade de base".

No campo da crítica, o livro *Fenomenologia da obra literária* continua sendo destacado, "despertando no Brasil o mais vivo interesse entre professores e estudiosos da Literatura" e, a respeito de *Vanguarda e subdesenvolvimento*, era ressaltado que seu autor compreendia bem "o regional; o nacional e o internacional na Literatura". A "narrativa simples" e a de "estrutura complexa" eram teorizadas, apontando caminhos metodológicos para o estudo da Teoria Literária.

Abria-se, também, o campo teórico para a discussão de livros sobre quadrinhos; noticiavam-se congressos que discutiam a inclusão da literatura ultramarina (literaturas africanas) nos programas de Literatura Portuguesa nas Faculdades de Letras do Brasil. A literatura infantil começava a ser foco de discussões.

A década de 70 permite o olhar sobre 60, período marcado por "intensa criatividade" e "força contestatória" como se observa em "Arte brasileira: a década chave de 1960". *Curral dos Crucificados*, na mira da crítica, aliava o Barroco à nova ficção.

Durante 1972, obras de autores mineiros como *Ópera dos mortos* eram comentadas por críticos de universidades americanas. Igualmente, poetas mineiros, de projeção nacional, eram objeto de vários estudos e livros. Refiro-me aos autores dos textos *Flor da morte e Poliedro*. A palavra e a visualidade, que entrelaçam as artes plásticas e visuais ao literário, são contempladas em artigos de especialistas de respectivas áreas. Em "O texto e os processos de visualização do barroco mineiro", é explicitada a importância da sensibilização dos olhos, "para depois comunicar à inteligência a mensagem ou informação textual". No contexto do Barroco, "a arte caligráfica desempenhava papel importante", considerando a "ausência de recursos mecânicos de reprodução de textos".

A redescoberta do Brasil pelos modernistas, passando por Minas, é rememorada, no Suplemento, por ocasião dos cinquenta anos da Semana de Arte Moderna. Na edição de 8 de julho de 1972, é

reproduzida a entrevista publicada na primeira página de o *Diário de Minas*. A matéria, datada 27 de abril de 1924, tinha como foco a embaixada artística representada pelo poeta francês Blaise Cendrars; Olívia Penteado, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Godofredo Telles, Mário de Andrade e René Thiollier. Entre o espaço de tempo decorrido e os anos 70, a rememoração do fato ocorrido não constitui um ato de reverência ao passado, mas reafirma a importância de Minas para a história literária e cultural do país. Esse destaque, concedido a Minas e sua história, ocorre também em outro momento por ocasião da visita de Julio Cortázar, registrada em 1973.

O editorial do Suplemento apresentava a trajetória de Cortázar a Minas, seguindo o guia de Manuel Bandeira. Na apresentação dessa viagem, ali estava também o roteiro de Cortázar: "está voltando agora a São Paulo, depois de Brasília, mais uma vez com Haroldo de Campos, concretamente digerindo Oswald, vai a Santiago do Chile que o fascina muito, e a Buenos Aires, metade da vida."

Passar por Minas e, especialmente por Ouro Preto, significa evocar a viagem feita à terra mineira pelos modernistas em 1924, "ciceroneando Blaise Cendrars" e reatualizada pelo Suplemento na comemoração dos cinquenta anos (já mencionada) e acena, ainda, para o encontro com o Barroco Mineiro "medula da tradição criativa da arte brasileira" (segundo Laís Corrêa de Araújo) e o concretismo. Nesse contexto, Minas acaba por representar, no caminho de Cortázar, a encruzilhada de várias veredas artísticas e históricas por onde passa a arte, mas também a liberdade. E, nesse caso, metaforicamente, o encontro da América Latina com Minas e o Brasil só poderia acontecer em Ouro Preto.

O editorial do Suplemento é seguido por um artigo de Fábio Lucas ("Presença de Cortázar") que intercala o relato sobre a viagem do escritor argentino com comentários sobre sua obra. Interessa-me destacar, nos fragmentos abaixo, o fato de o crítico brasileiro salientar as qualidades artísticas da obra de Cortázar associadas à militância política do autor, sem que as duas esferas se confundam:

Fábio Lucas afirma:

"Diz-se que a forma do livro *Rayuela* é o seu conteúdo. Mas é perigoso considerar Cortázar como um escritor formalista. Se por vezes a sua obra não responde a uma visão realista da arte, torna-se inteiramente satisfatória ao nível mítico-simbólico. *Rayuela*, na história do gênero, constitui mais uma tentativa bem lograda de ruptura

com a causalidade psicológica. No Brasil, tivemos com Macunaíma de Mário de Andrade um prenúncio dessa tendência."

Em outro momento, o crítico diz:

"Julio Cortázar está interessado no destino econômico e político da América Latina. Alinha-se ao lado de grandes nomes, sentindo a necessidade de colaborar para que os diferentes países possam vencer o jugo colonial, que lhes destroça a paz, as relações étnicas e sociais harmoniosas que planta discórdia e a guerra. Não lhe escapa a luta do Terceiro Mundo. Tem uma visão dialética dos movimentos sociais. A dinâmica da vida absorve parte de sua energia criadora.

Uma vez, encontrei-me em Nova York com Gregory Rabassa, tradutor de Cortázar para o inglês e um dos maiores tradutores de obras da literatura hispano-americana para o inglês. Estivera no Brasil por algum tempo e convivi com ele por alguns dias. Estava traduzindo *Paradizo de Lezama Lima* e me contou como os textos iam dele e deste a Lezama Lima, numa triangulação para vencer as dificuldades de trânsito. Paradoxo da era das comunicações".

Por esse último trecho, poderíamos chegar a Cuba não pela revolução cubana, a partir da qual foi pensada, na década de 60, a América Latina, mas por meio de Lezama Lima que refletiu sobre o barroco como expressão americana.

Nesse mesmo ano (1973), a memória musical de Minas, evidenciada na pesquisa de Curt Lange e, divulgada no Suplemento, se encontra com aquela comentada por críticos nacionais, indo além do local. A respeito de um dos compositores do momento, era dito: "letrista inventivo, compositor extraordinário, cantor que redescobre continuamente a própria voz". Em um dos editoriais se lia: "E como um lance de dados, não sabe onde chegará certo apenas de que é na área da música popular, com seus poetas músicos, que se encontram os verdadeiros inventores da geração seguinte a do concretismo". O interesse se mostrava igual em relação ao estudo do cordel e seus folhetos circulantes no Brasil.

A literatura brasileira era contemplada lá fora com estudos na Itália e "a arte de computador em mostras internacionais" chamava a atenção do leitor para a divulgação das novas tecnologias incorporadas ao fazer artístico. A UFMG recebia Michel Foucault e seu pensamento filosófico era comentado no Suplemento.

No periódico mineiro, nos anos 70, a colaboração local, representada pela produção acadêmica, se mostra de forma mais intensa, propiciando o aparecimento de análises estruturalistas em voga em algumas universidades brasileiras. No ano de 1973 ainda, dois números foram dedicados à ficção brasileira, apresentada sob a forma de romance ou conto.

Em "Aspectos da ficção contemporânea", o leitor se depara com um panorama importante sobre as tendências ocorridas no âmbito ficcional: a passagem do "romance-tese" e do "romance-documento" para a exploração da supra-realidade no campo da narrativa; intervalo épico representado por grandes narrativas; destaque para o romance de personagem e para a "notável geração de contistas da década de 60" e o romance "sob uma forma elítica", preservando capacidade crítica.

Entre 1975 e 1980, foram publicadas várias séries como: "Bentinho da samambaia", cuja existência data entre 1975 a 1983; "França Hoje", abril de 1976 a março de 1980; "Poesia brasileira hoje", iniciada em setembro de 1979 até novembro de 1980; a série "Novos," referente aos novos pela idade, pela publicação no Suplemento e pela iniciação literária (iniciada em 1978 até 21 de julho de 1979) e "O poema necessário" (11 de nov. 1980 até abril de 1983).

Nos anos 80, suplementos especiais foram dedicados aos 50 anos de poesia de Carlos Drummond de Andrade; a Luís de Camões; ao Centenário de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e ao escritor João Alphonsus de Guimaraens.

Em 1981, o Suplemento completou quinze anos. No editorial de setembro, foram destacados o caráter "modernizante" e o "espírito mineiro". Aparecem, ainda, no mesmo texto, constatações de que o periódico superou o "provincianismo", alcançando nível nacional e mesmo internacional e que houve abertura para várias tendências críticas. Esses aspectos e as diferentes manifestações estéticas reiteram algumas tendências dos anos anteriores.

{ HAYDÉE RIBEIRO COELHO é professora de Teoria da Literatura, Faculdade de Letras da UFMG e pesquisadora do CNPq.

Num (in)certo “fim de ano”, o Suplemento Literário do Minas Gerais encerrava a primeira fase de sua trajetória. O número 1178, curiosamente, deixa de indicar o mês em que circula (o anterior tem a data de setembro), registrando todavia, no alto da primeira página, que se tratava do vigésimo sexto ano, e, nos créditos, simplesmente: “Belo Horizonte, 1992, ano XXVI - 16 páginas. Circula encartado no Minas Gerais.” Que se trata da conclusão do ano em pauta, constata-se também na página dedicada aos lançamentos de livros recentes, que leva como título: “Poesia enriquecida neste fim de ano”.

Fim de ano, fim de fase – aparentemente, fim do próprio SL, que só voltará a circular em novembro de 1994, depois, portanto, de mais de vinte e quatro meses de silêncio, numa contagem que se reiniciava como ano um, número um, ou seja, como começo (e não recomeço). A diferença: o periódico passava para a Secretaria de Cultura. O necrológio (da fase anterior) se deve à então Secretária, Celina Albano, que, após referir-se aos tempos míticos em torno de Murilo Rubião, relata: “À medida que toda essa geração se abria para o amplo reconhecimento público, melancolicamente o *Suplemento* ia-se fechando, num definhamento em que se arrastou até a agonia.” Um descompasso, portanto. De um lado, uma geração de sucesso; de outro, o definhamento e a agonia. Como em caminhos que se bifurcam: o apogeu e a decadência. Tudo (adverbialmente) mergulhado em melancolia.

De modo bastante preciso, convém ressaltar, haviam sido exatos, em anos, vinte e seis, já que o número inaugural se publicara (no mesmo mês de setembro) em sessenta e seis. A repetição dos setembros e dos seis sugere que há, pelo menos, duas rimas, para uma só (dis)solução. E a melancolia, que, segundo Freud, no plano dos afetos corresponde ao luto, parece motivada pela nostalgia de não se poder recuperar o que então se perdera: talvez não tanto o SL, mas aquela “geração” que se batizara com seu nome. A qual mudara e alçara vãos, do mesmo modo como, desde 66, o mundo se transformara – e o Brasil tinha colecionado a ditadura, o AI 5, a abertura lenta e gradual, a anistia, as diretas que não foram tão já, a redemocratização, a primeira decepção eleitoral e a primeira mobilização nacional (concluída com o impeachment, no mesmo setembro de 92). Esse rol de efemérides ressalta o significado daqueles vinte e seis anos. “Anos Suplemento”, conviria batizá-los.

A AN S U P L E M E N T O

O exame do derradeiro número é esclarecedor. Aí se encontram ensaios sobre o cânone (a propósito de um livro esquecido de Cecília Meireles), um novo poeta (Rodrigo Haro, artista plástico já consagrado, mas que lançava então seu terceiro livro) e autores mineiros (Joanyr de Oliveira e Roberto Drummond). A literatura hispano-americana está representada em estudo e texto do contista uruguaio Javier de Viana, enquanto a literatura infantil é examinada do ponto de vista da presença, nela, do imaginário dos povos indígenas. Publicam-se ainda poemas de Danilo Gomes e Virgílio Mattos, acompanhados das

ilustrações de Sérgio Nunes e Tereza Yamashita. Enfim, a matéria central é constituída por entrevista de João Gilberto Noll a Cleide Simões. Como se vê, o Suplemento mantinha, na hora derradeira, a variedade que o caracterizara ao longo dos anos, interessando-se pelo consagrado e pelo novo, pela crítica e pela prática, o local e o universal, o escrito, o visual. Conservava aquilo que marcara, desde o início, sua trajetória, conforme as palavras de Luiz Cláudio Vieira de Oliveira: “a importância do Suplemento reside em seu ecletismo”. Portanto, se é certo que todo fim guarda sua

JACYNTHO LINS BRANDÃO

OS VIENTOS

dose de melancolia, não se poderia dizer que o do SL (mais exatamente, o de seus primeiros vinte e seis anos) se deveu a decrepitude.

Do ponto de vista que aqui nos interessa, a década final da primeira fase do SL, é ilustrativo verificar até que ponto aqueles da primeira hora mantiveram sua participação, podendo os grupos distribuir-se entre dois extremos: os que restringiram sua presença apenas aos anos inaugurais, de que é exemplar o caso de Humberto Werneck, o qual se afasta já em 1970, voltando a publicar não mais que um estudo sobre

Murilo Rubião em 87; e os que se mantiveram constantes, com maior ou menor regularidade, como Márcio Almeida e Luís Gonzaga Vieira, este último escrevendo sobre Roberto Drummond ainda no derradeiro número de 92. No intervalo, em ordem crescente, encontram-se, para citar apenas alguns exemplos, Luiz Vilela, cuja última contribuição data de 85; Márcio Sampaio, Murilo Rubião, Affonso Ávila e Henry Corrêa de Araújo, que escrevem pela última vez em 87; Duílio Gomes, em 90; Adão Ventura, Sebastião Nunes e Laís Corrêa de Araújo, com textos aparecidos em 91; e Fábio Lucas, que se

mantém firme até 92. É provável, contudo, que ninguém tenha superado, em regularidade, Nelly Novaes Coelho, a qual, nos extensos vinte e seis anos, apenas em 88 passou em brancas nuvens. Proeza comparável à de Chanina, que enriquece com seu traço seguro tanto o primeiro número, de 66, ilustrando poema de Libério Neves, quanto, no penúltimo, de 92, faz par com outro poema, agora de Walmir Ayala. Assim se amarram as duas pontas de um período (etimologicamente, um percurso circular, que acaba como começa), em que duas qualidades merecem atenção: a fidelidade à proposta inicial e a capacidade de renovação.

Aliás, a permanência é destacada pelo próprio Murilo Rubião, em sua última aparição no SL, quando a publicação comemorava os vinte e cinco anos e ele concedeu a que seria a derradeira entrevista antes de sua morte: “o Suplemento – ele assevera – em 1966, era feito nos moldes do atual, mas com algumas dificuldades a mais”. Essas dificuldades ficavam por conta de circunstâncias que cercavam a comunicação com os colaboradores (feita toda pelo correio, já que um interurbano acabava demorando mais para ser completado) e as complicações que cercaram a contratação de um fotógrafo (para possibilitá-la, o governador teve de criar uma lei). Todavia, contra esse pano de fundo do que permanece nos mesmos “moldes”, observam-se mudanças significativas, sendo de destacar as que persistem ou ocorrem na década de oitenta: a primeira, que muitos dos colaboradores do Suplemento se tornam assunto; a segunda, o aparecimento da crítica literária produzida por autores de Belo Horizonte, em geral ligados ao então incipiente curso de pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais; finalmente, como alguns temas ganham espaço privilegiado, o que acontece, em especial, com a literatura infanto-juvenil.

O caso mais relevante com relação ao primeiro aspecto é o do próprio Murilo Rubião. Não que, nos anos sessenta e setenta, apreciações de sua obra não tenham tido lugar, mas é sobretudo na década seguinte que elas crescem consideravelmente: enquanto de 66 a 69 contam-se cinco matérias e, de 70 a 79, vinte e uma, nos anos oitenta esse número cresce para trinta e oito. O leque de comentadores também se amplia consideravelmente, abrangendo nomes como os de Rui Mourão, Jorge Schwartz, Álvaro Lins, Fábio Lucas, Hélio Pellegrino, Paulo Mendes Campos e David Arrigucci. Mas também a produção de Luiz Vilela, Lúcia

Machado de Almeida, Adão Ventura, Libério Neves, Ivan Ângelo e outros é alvo de comentários, num importante intercâmbio, que valeria a pena estudar em detalhe, entre a produção e a crítica, ou seja, como, alternando os papéis, esses escritores-críticos ou críticos-escritores estabelecem uma extensa rede de relações intelectuais. Existem mesmo aqueles, como Carlos Herculano Lopes, cuja contribuição literária se firma nos anos oitenta, merecendo abordagem na mesma década. Mas há também o contrário: autores que, depois de consagrados, passam a atuar como colaboradores, como é o caso de Autran Dourado, que, de 81 a 91, deixa de ser só assunto e passa a assinar matérias sobre variados temas.

Por seu lado, a geração de críticos mineiros ligados às universidades marca presença no SL, de forma esporádica, já a partir da década de setenta, mas assume um papel importante no momento seguinte. São nomes como os de Leticia Malard, Ana Maria de Almeida, Wander Miranda, Ivete Walty, Ruth Silviano Brandão e Eneida Maria de Souza. Sua atividade foi a responsável pela difusão de tendências críticas, como o estruturalismo, a intertextualidade, a semiótica, os estudos de gênero, as conexões entre literatura e psicanálise e a literatura comparada. É curioso, por exemplo, que o estruturalismo, enquanto método, tenha sido objeto, antes, de trabalhos que têm uma perspectiva teórica, desde os artigos de Fábio Lucas e Maria José de Queiroz (publicados em 68), até os de Ana Maria Viegas (que datam de 78 e 79). Contudo, é na década de oitenta que não só essa corrente, como outras, se afirmam, num espaço heterogêneo em que o mais relevante acaba sendo o próprio fato de o SL ter mediado a exposição e discussão de idéias e posturas, renovando a crítica e ensinando formas contemporâneas de abordagem da obra literária.

Finalmente, no que respeita aos gêneros, os anos oitenta são também marcados por um grande interesse pela literatura infanto-juvenil. Vale a pena, mais uma vez, recorrer aos dados: de 66 a 69 contam-se não mais que três trabalhos

dedicados ao assunto, índice que, na década seguinte, sobe para cinquenta e, nos anos oitenta, para sessenta e quatro. Verifica-se, portanto, um crescimento progressivo, com destacada participação de Márcio Almeida e Euclides Marques de Andrade, da segunda metade da década de setenta em diante, e também de Regina Zilberman, Ângela Leite, Vivina de Assis Viana, Alaíde Lisboa, Elias José. A série "Colocação da literatura infanto-juvenil brasileira", publicada em 1992, traz quinze entrevistas com autores renomados nessa área, como Lúcia Machado de Almeida, Libério Neves, Alaíde Lisboa, Euclides Marques de Andrade, Stella Leonardos, Lygia Bojunga Nunes, Bartolomeu Campos Queirós, Terezinha Alvarenga, Ângela Lago. Como se vê, o Suplemento torna-se assim o palco de um amplo debate, no exato momento em que a produção nessa esfera cresce em quantidade e qualidade, o que se nota também pelas inúmeras referências a lançamentos na coluna Painel de Livros.

O último tema oferece a oportunidade para a próxima reflexão. Com efeito, o SL nasceu e, até o final de sua primeira fase, foi distribuído "encartado no Minas Gerais". É ainda Murilo Rubião quem sublinha a importância desse detalhe, ao referir que Israel Pinheiro, então Governador do Estado, "teve em mãos um relatório que colocava o Minas Gerais como o único jornal que chegava a todos os municípios mineiros"; a partir disso, decidiu que o periódico, que antes publicava apenas os atos do governo, passaria a veicular também notícias e teria um suplemento literário – coisa em que, ainda segundo Murilo, "quase ninguém acreditava": um suplemento literário "em jornal oficial". Pois bem, esse fato transporta-nos da perspectiva da produção do SL para a de sua recepção. Nesse sentido, antes de tudo cumpre sublinhar que seu reconhecido ecletismo diz respeito não só ao que publica, como também ao público a que se destinou desde sua criação, o que o desejo de atingir todos os municípios mineiros naturalmente implica. E talvez esse seja seu maior mérito e das razões principais do papel que tem desempenhado.

De fato, como fez Luiz Cláudio de Oliveira em seu livro sobre a recepção crítica da obra de Guimarães Rosa no SL, esse é um aspecto da recepção a que o periódico oferece vasto material, o qual deve ainda ser explorado em seu ecletismo. O objetivo seria examinar qual papel ele teve não só na divulgação de autores e na apreciação de suas obras, como também na formação de um cânone literário contemporâneo. Todavia, outro viés, talvez mais difícil de trabalhar, mas extremamente relevante, seria considerar sua penetração, o fato de que se oferece a um universo de leitores tão variado, que vai do interior mais remoto do Estado, aos ambientes universitários do Brasil e do exterior. O que se publicou, por exemplo, relativamente ao ensino da literatura, sem dúvida teve um impacto pedagógico cuja força ainda precisa ser pesquisada. Uma pergunta simples: que conseqüências teve o dossiê referido sobre a literatura infanto-juvenil no ensino de primeiro e segundo graus, tendo em vista que o SL chegava a todas as escolas estaduais? Quanto a grande mudança do olhar sobre a literatura infantil, observada principalmente na década de 80, deve ao SL? Ele simplesmente refletiu as modificações ou provocou-as?

Ainda pelo mesmo caminho, não é de menor monta considerar o quanto se divulgou da literatura estrangeira. Desde o início, as traduções e os estudos nessa esfera tiveram seu lugar e, na década de oitenta, abrangeram personalidades conhecidas como, dentre outros, Stefan Zweig, Hermann Hesse, Edgar Allan Poe, Vladimir Nabokov, Marguerite Duras, Emily Dickinson, Jean Genet, Dostoievski, Kaváfis, Brecht, Shakespeare, Isaac Bashevis-Singer, Saint John Perse, François Villon, Rilke e Simone Weil, bem como outros escritores que se ofereciam como novidade ao leitor brasileiro, como o russo Velimir Khlebnikov e os romenos Tudor Arghezi, Lucian Blaga. Capítulo à parte, dos mais importantes, diz respeito à literatura latino-americana, cujo conhecimento e difusão no Brasil sem dúvida deve muito ao SL, o que tem sido estudado por Haydée Ribeiro Coelho. Nos anos oitenta ela continua muito presente, com

traduções e estudos sobre Borges, Neruda, Mario Vargas Llosa e Rubén Darío – e também a propósito de nomes menos conhecidos, como o peruano Jorge Eduardo Eielson, o venezuelano Eugenio Montejo, o mexicano Hugo Gutiérrez, Vigílio Piñera, de Cuba, e Roa Bastos, paraguaio.

Outro tanto pode-se dizer das literaturas estrangeiras de língua portuguesa, com trabalhos que abordam desde os clássicos (o preferido é Camões, mas aparecem também Eça de Queiroz, Camilo Castelo Branco e Fernando Pessoa, dentre outros), até os contemporâneos (Fernando Namora, José Pires Cardoso, Lobo Antunes, por exemplo). Também publicam-se pesquisas de conjunto sobre as tendências da prosa e poesia em Portugal – a “poesia visual” merecendo destaque. A literatura moçambicana esteve representada por Eduardo White, Noémia de Sousa e Luis Carlos Patraquim, não se comparando contudo sua inserção no SL à dos autores angolanos. São vários os nomes: Ana Paula Tavares, Lopito Feijóó, José Luis Mendonça, Boaventura Cardoso. Como nesses casos a literatura é estrangeira mas a língua é comum, há os colaboradores do outro lado do Atlântico: o português Vergílio Alberto Vieira, apresentado então como jovem poeta, publica muito nesse período, o mesmo acontecendo com João Maimona, que concede, inclusive, longa entrevista a Cleide Simões, em 86.

Um aspecto geralmente pouco observado – talvez porque esteja em causa um suplemento que se diz “literário” – é o fato de que, desde o início, o SL esteve aberto e acolheu uma profusão de estudos sobre a língua portuguesa, corpus que também ainda espera estudo mais detido. São tratadas desde questões mais práticas, relacionadas com o uso de palavras ou expressões e com a composição do texto (nos anos oitenta, José Augusto Carvalho dedica-se bastante a isso), até abordagens de cunho lingüístico e sócio-lingüístico (é também da mesma época a abordagem de Sonia Queiroz sobre a língua dos negros da Tabatinga). Em 82, assiste-se a acirrada disputa entre Segismundo Spina e Celso Cunha sobre a estrutura do

segundo verso dos *Lusiadas* (“que da ocidental praia lusitana”): o primeiro, em trabalho publicado em março, defende que se trata de um “verso épico”, cuja divisão interna ocorreria na sexta sílaba (ou seja, a primeira de “praia”), ao que o outro contesta, no mês de junho, com virulência, afirmando que o verso é camoniano, com cesura na quinta sílaba (a última de “ocidental”), onde se encontraria, então, a tônica predominante, voltando Spina a escrever em setembro, para defender sua posição, não só quanto ao verso que se tornara o pomo da discórdia, mas também com relação a seu livro de versificação, duramente atacado pelo opositor. Detalhe curioso: ambos surgem nas páginas do SL apenas para esta polêmica, desaparecendo em seguida por completo.

O que nos conduz a mais um aspecto digno de registro: o dos colaboradores bissextos. É natural que, numa visão de conjunto, nossa atenção se volte principalmente para aqueles que marcam uma presença regular. Contudo, a grande massa dos que escrevem apenas esporadicamente desempenha um papel nada desprezível, sendo estes, aliás, os principais responsáveis pelo caráter “ecletico” do SL, reconhecido como uma de suas principais virtudes. Nessa categoria incluem-se, por exemplo, Maria Luiza Ramos, que em 84 publica trabalho sobre o realismo fantástico, Roberto Drummond, a quem se deve, em 88, matéria sobre como “surgiu o cartunista Henfil”, e Donald Schüller, de quem se contam sete intervenções, entre 82 e 86, tratando das obras recentes de Autran Dourado, Vargas Llosa, Darcy Ribeiro, Márcio de Souza, Affonso Romano e Waldir Ayala. Pode-se dizer que há também os assuntos bissextos: temas filosóficos e antropológicos, além de, com mais intensidade, históricos e artísticos (música, cinema, teatro), o que, entretanto, garante uma outra faceta do “ecletismo” do SL, mesmo que sem o destaque que se empresta à literatura e às artes visuais.

Sem dúvida, num balanço de conjunto, cumpre reconhecer que este é o foco primordial: literatura e artes plásticas, ou seja, a inscrição no

espaço em branco, em que, com traços negros, como é próprio do jornal, se registram palavras e imagens. Fazendo com que, sistematicamente, se aproximem, dialoguem e, muitas vezes, que umas se convertam nas outras, ou, noutros termos: recuperando o sentido arcaico do grafismo enquanto gesto primordial tanto do escrever, quanto do desenhar. Uma combinação feliz que marca a trajetória do SL, e da qual não teria como falar com um mínimo de exatidão, restando apenas o convite a que o leitor percorra as páginas do próprio periódico, que agora se oferece, em sua integridade, na Internet, graças à iniciativa e ao trabalho paciente das bibliotecárias Júnia França Lessa e Rosângela Costa Bernadino. Um exercício a ser feito com vagar, a fim de que se possa fruir o quanto se fez. Até aquele (in)certo final de 92, quando, parecia que em definitivo, o SL interrompe suas atividades.

Que felizmente foram retomadas dois anos depois. Com efeito, o mesmo esforço de compreensão das articulações entre o período de que nos ocupamos e os anteriores mereceria ser feito com relação à primeira fase e a que (re)inicia em 94. Para avaliar como se continua a coordenar a permanência com a mudança (no mesmo rio entramos e não entramos etc.). Bastaria percorrer a relação dos colaboradores que voltaram depois do anunciado fim. Perceber que há mãos novas deixando as marcas de seus traços. Que o “mineiro” não implica abandono do universal. O novo não exclui o antigo. O universo de leitores pretende manter a perspectiva do sertão e do vasto mundo. Em conclusão: que se preserve o ecletismo como trunfo principal.

Mas isso já é uma outra história.

JACINTHO LINS BRANDÃO é Professor Titular de Língua e Literatura Grega da Universidade Federal de Minas Gerais.

HAYDÉE RIBEIRO COELHO

RODA GIGANTE UM TEXTO PARADIGMÁTICO

Em um levantamento sistemático, realizado por Júnia Lessa (bibliotecária da Faculdade de Letras da UFMG) e eu, pudemos verificar que, no Suplemento, havia textos das mais variadas literaturas como: hispano-americana, belga, tcheca, norte-americana, inglesa, italiana, espanhola, portuguesa, russa, africana, francesa, alemã, irlandesa, japonesa, sueca, polonesa, húngara, vietnamita, grega, libanesa, romena e persa, o que demonstra como o periódico acolhia uma diversidade de sistemas literários.

De forma paradigmática, "Roda Gigante", da autoria de Laís Corrêa de Araújo, exemplifica esse aspecto. Trata-se de uma série que circulou entre 1966 e 1969 no periódico mineiro. Em depoimento, concedido em 1997, na Faculdade de Letras, integrado ao livro organizado por Maria Esther Maciel, a autora, de *Caderno de Poesia*, esclarece que fazia a seção "Conversas na mesa", crônicas no jornal *Diário de Minas* e depois no *Estado de Minas* (então com o nome de Roda Gigante), entremeando as crônicas com divulgação de livros, respeitada por minha atitude crítica considerada 'severa'".

Quando se analisa um periódico especializado, há múltiplas entradas. Lendo "Roda Gigante" e, preparando meu primeiro texto sobre o Suplemento, verifiquei que estava diante de uma multiplicidade que, de maneira exemplar, me apresentava, sob o ponto de vista crítico, o suplemento mineiro.

Em "Roda Gigante", são comentados textos de autores nacionais e estrangeiros; diferentes gêneros narrativos; há espaço para o estudo de textos de autores canônicos e de novos artistas; há um declarado interesse pelos poetas de vanguarda, "entendida como concepção dialética do indivíduo e do mundo", como uma "realidade complexa, que nasce da convergência da linguagem com a arte". Há inúmeras entrevistas com importantes intelectuais, críticos e escritores do Brasil e de outras plagas.

Na função de ensaísta, Laís Corrêa de Araújo comenta ainda sobre a comunicação de

massa. Reportando-se a um congresso internacional de escritores, realizado em 1954, evidencia que os intelectuais preferem "ignorar os modernos meios de comunicação, alegando seu baixo nível estético, a utilizá-los como deviam, no interesse não só da cultura como de todo o povo, que participaria do privilégio de conhecer o melhor". Segundo a autora, o livro continuava sendo o meio para a educação, mas os dirigentes poderiam utilizar os meios de comunicação para uma "autêntica democratização da cultura".

A autora de *Decurso de prazo*, em "Fantasia e invenção", subtítulo de *Roda Gigante*, ressalta o desinteresse pelo trabalho editorial no setor do livro infantil. Comentando a adaptação de "Alice no país das maravilhas" e "Alice no reino dos espelhos", livros publicados pela editora Melhoramentos, de Lewis Carroll, pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson, mostra como na tradução e na adaptação infantil, o texto acaba perdendo o poder imagético e o vocabulário altamente criativo. Na opinião da ensaísta,

"Lewis Carroll, ao criar o mundo fantástico de Alice com sua linguagem característica, criou um estímulo para a associação livre, para a atenção eletiva, para a experiência inventiva, para a ampla expansão do pensamento. Assim entendemos deva ser a 'literatura infantil', tão importante e tão incitante quanto a 'Literatura'".

A autora de "Roda Gigante" não se esquecia do movimento editorial do país em plena expansão. Na medida em que comentava a obra e respectivos autores, apresentava também as editoras e suas coleções.

Na mesma série, na seção "Informais", são divulgados textos de natureza diversa (políticos, antropológicos, de Medicina e Eletrônica, Psicanálise e Economia). Traduções de livros são apresentadas e há, ainda, a divulgação de revistas produzidas em Minas, no Brasil e no exterior). Acredito

que "Informais" possibilita ao estudioso uma volumosa matéria, para reconstituir o mundo da leitura nas décadas de sessenta no Brasil, devido à precisão e à variedade de títulos oferecidas pela seção de "Roda Gigante."

Em 6 de maio de 1967, Laís Corrêa de Araújo, ao focalizar o romance do boliviano Augusto Céspedes, mostrava que o desconhecimento recíproco dos escritores sul-americanos era uma verdade que devia ser superada. Nesse sentido, a poeta e ensaísta tem um papel fundamental, traduzindo textos teóricos e literários, buscando romper com o insulamento do Brasil em relação aos demais países hispano-americanos e vice-versa.

Laís de Araújo foi uma incansável fundadora, colaboradora e redatora do Suplemento Literário do *Minas Gerais*, merecendo todo nosso apreço e agradecimento por sua tarefa de poeta, de ensaísta, de tradutora, divulgando cultura e literatura. O "movimento normal dos livros", no ensaio da poeta mineira, alimentou, com certeza, muitos leitores. Nesse sentido, é importante destacar também o trabalho coletivo dos amigos e colaboradores que permitiu a longa vida do suplemento.



Laís Corrêa de Araújo. {Foto: Patrícia Azevedo, 1993.}

LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO

ELEGIA DA MATURIDADE

Rastejo coleante entre o
passado monolito e o futuro
monólito a ser plantado e
internetizado à espera do herói.

_____ O silêncio cumpre a missão
de avental asséptico contra bactérias
da vida.

Rastejo entre rios de pedra
onde a água é imagem perdida
e a sinalização é farta
sem índices para onde e quando.

_____ A solidão terceiriza os bons
e a auditoria faxina as teias
da vida.

Rastejo entre o sol e a terra
como um eclipse em que os óculos
não percebem sequer a sombra
de inútil patrimônio a restaurar.

_____ A inquietude é o sal sem sabor,
diet e light, alimento perecível
da vida.

Rastejo porque não tenho asas
para voar sobre árvores decepadas
e o triunfal ruído das motosserras,
em cambaleante esterilidade.

_____ A melancolia é o licor amargo
abafando a constante contorção
da vida.

Rastejo em tantas mil encruzilhadas
de concreto opaco, endurecendo os deuses
travestidos da pátina-memória
para a informática dos senhores.

_____ A utopia desceu do palco
e escondeu-se no teorema indecifrável
da vida.

Rastejo hesitante entre o apelo do sexo
sem útero onde gerar uma nova sintaxe,
porque a manhã é sempre interdição
e todas as respostas não respondem.

_____ A esperança é apenas o joio
de seara crestada e apenas ervas
da vida.

Rastejo sempre, deficiente física e
mental, em póstumias teorias anônimas
onde o trânsito luta pelo espaço
e monitoriza a espécie em extinção.

_____ A sensibilidade é arco tenso
que não dispara e não conhece a mira
da vida.

Rastejo entre o sim e o não
da cicuta preparada aos convidados
a partir para o adiante obscuro
e fanado por muitas estiagens.

_____ O niilismo é a porta esboçada,
sem chave e sem batentes
da vida.

Rastejo e no entanto respiro
dentro do próprio hiato o hausto
empoeirado de retalhos de insônia
e vísceras mofadas de cansaço.

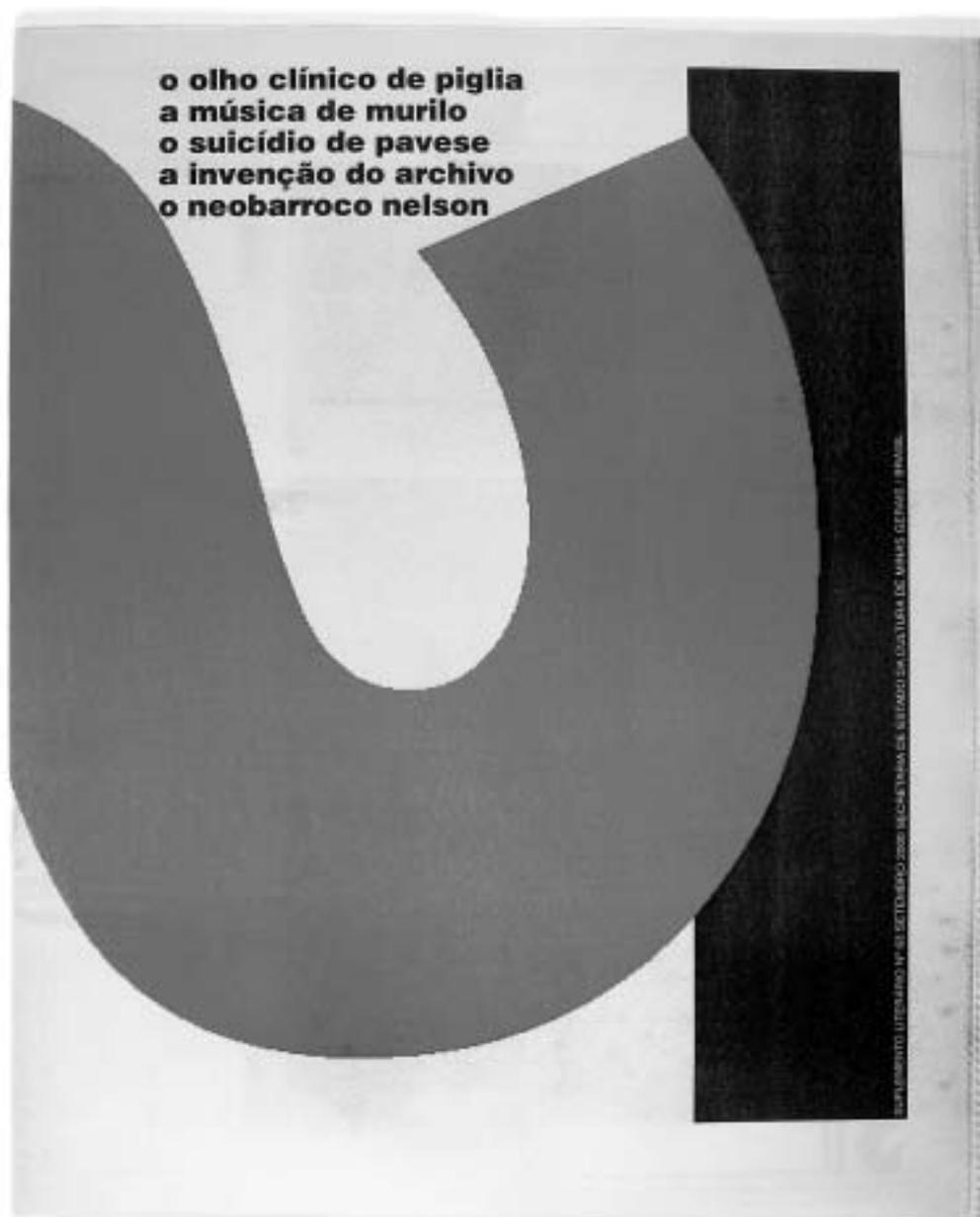
_____ O tédio é o manual-guia
e se guarda inteiriço na guarita
da vida.

Testemunha do caos e éden antigos,
rastejo à volta da maçã roída,
rastejo a outrora língua viperina
sem ter o que dizer e a quem o diga.

{ LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO é poeta e crítica literária. Sua obra poética está reunida em *Inventário*, Editora UFMG, 2004. É autora também do ensaio *Murilo Mendes*, Editora Perspectiva, 2000.



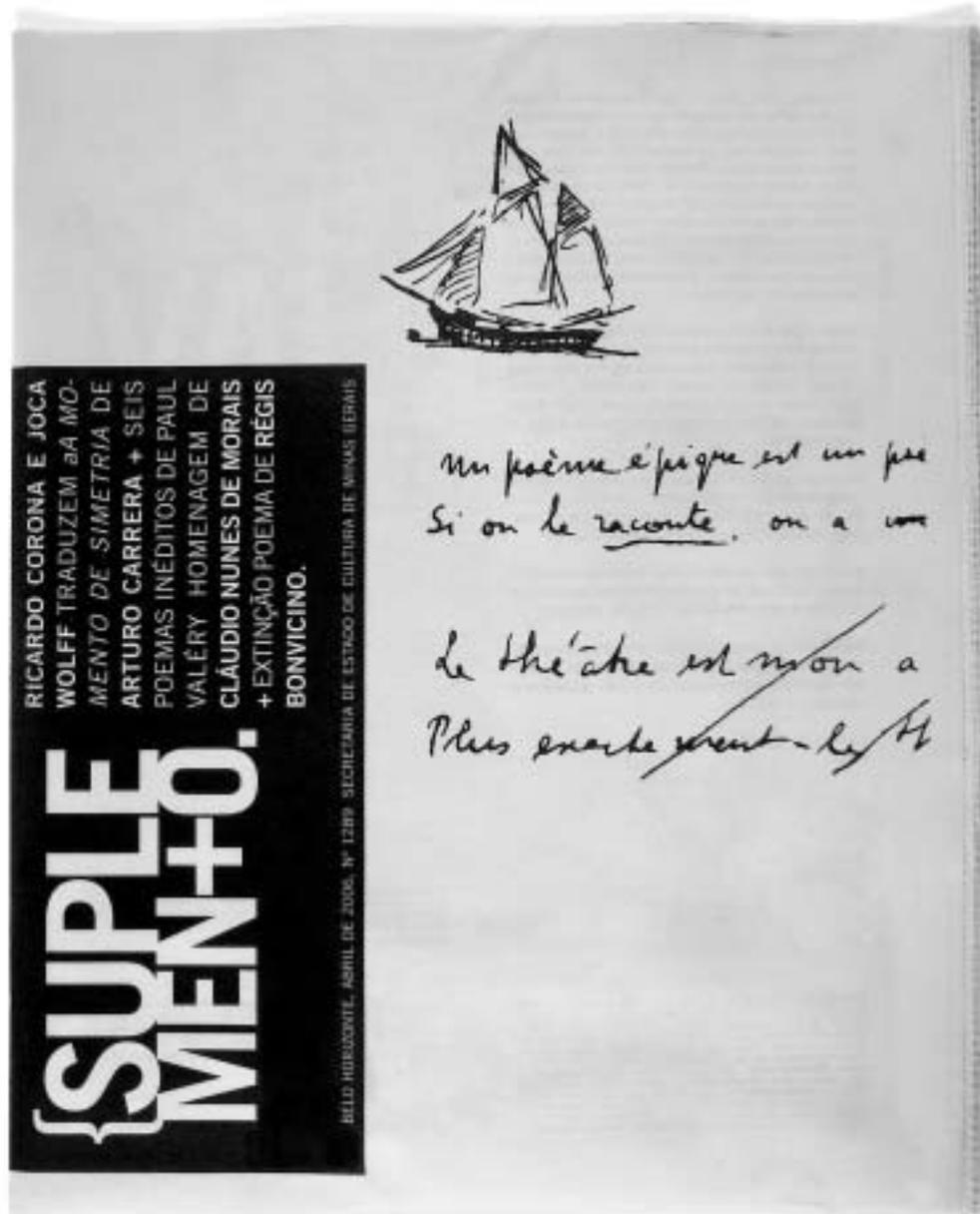
SLMG, nº 43, novembro de 1998.



SLMG, nº 63, setembro de 2000.



SLMG, nº 1270 ano 38, julho de 2004.



RICARDO CORONA E JOCA
 WOLFF TRADUZEM aA MO-
 MENTO DE SIMETRIA DE
 ARTURO CARRERA + SEIS
 POEMAS INÉDITOS DE PAUL
 VALÉRY HOMENAGEM DE
 CLAUDIO NUNES DE MORAIS
 + EXTINÇÃO POEMA DE REGIS
 BONVICINO.

{SUPLEMENTO}

BELLO HORIZONTE, ABRIL DE 2006, Nº 1289 - SECRETARIA DE CULTURA DE MINAS GERAIS



*Un poème épique est un jeu
 Si on le raconte, on a une
 de théâtre est non a
 Plus exactement - by H*

SLMG, nº 1289, abril de 2006.

I, NADA OU QUASE UMA ARTE.
TRADUÇÃO REVISTA COSMOPOLIS - 1897

AUJOURD'HUI OU SANS

PRÉSUMER DE L'AVENIR

R QUI SORTIRA D'ICI,

RIEN OU PRESQUE UN ART.
MALLARMÉ

DO FUTURO O QUE SAIRÁ DAQU